SYLVIA DAY

EVE
E O
CAOS

Tradução de
Leonor Bizarro Marques

5 SENTIDOS

*Agradeço a todos os leitores que acompanharam as
aventuras de Eve até agora.*

“Deus estenderá sobre Edom a medida-padrão do caos e o fio de prumo da desolação.”

Isaías 34:11

Capítulo 1

Evangeline Hollis observou o demónio *kappa*, de maxilares crispados, enquanto este servia *yakisoba* – massa frita japonesa – à sua mãe, com um grande sorriso. Havia tantos mortais como demónios na Igreja Budista do Orange County.

Três meses depois de lhe terem sido atribuídos a Marca de Caim e o seu novo “emprego” de caçadora de prémios celestial, Eve resignara-se à realidade que misturava Infernais e mortais sem que ninguém desse por isso. Contudo, o número de demónios japoneses realojados que haviam saído para se divertirem no festival continuava a surpreendê-la. Parecia haver uma quantidade infindável deles.

– Queres um pouco? – perguntou a mãe, estendendo-lhe o prato. Há trinta anos que Miyoko adotara um estilo de vida puramente americano nos Estados Unidos. E, embora fosse uma cidadã naturalizada, convertida à Igreja Batista, e o marido, Darrel Hollis, um bom rapaz oriundo do Alabama, prezava as suas raízes, fazendo o possível para partilhar a cultura japonesa com as duas filhas.

Eve sacudiu a cabeça:

– Quero *yakidango*.¹

– Eu também. Está ali – disse Miyoko, seguindo à frente.

O recinto do festival era o parque de estacionamento privativo do templo. À direita, havia um grande ginásio, e à esquerda, o templo e o complexo da escola. A área era pequena mas alojava, ainda

¹ Bolinhos cozidos e doces de farinha de arroz (N. da T.).

assim, uma série de bancas de comida e jogos. Havia um *taiko*² numa torre *yagura*³, com vista para um espaço onde mais tarde se iriam exhibir as dançarinas do *Bon Odori*⁴. As crianças disputavam prémios que variavam entre peixes vermelhos e animais de peluche, e os adultos passeavam por entre expositores de bugigangas e sobremesas caseiras.

O tempo no Sul da Califórnia estava perfeito, como de costume. Uma amena temperatura de vinte e cinco graus, com muito sol e poucas nuvens. Eve ajeitou os óculos escuros, saboreando os beijos do sol na pele e o aroma dos seus pratos favoritos.

Depois, a brisa da tarde arrastou consigo um fedor horrível que lhe invadiu as narinas e lhe destruiu um dos seus raros momentos de paz.

O cheiro pútrido de uma alma em decomposição era inconfundível: uma mistura do fedor da carne a apodrecer e de fezes frescas. Era impressionante que os não-marcados – os mortais sem a Marca de Caim – não conseguissem senti-lo. Eve virou a cabeça, tentando perceber de onde vinha.

O seu olhar inquiridor deteve-se numa bela mulher asiática, do lado oposto do corredor. Era uma *yuki-onna* – um demónio da neve japonês. Eve reparou no quimono branco do Infernal, com delicados bordados *sukura*, e no detalhe no malar, semelhante a uma tatuagem tribal. Na verdade, o desenho identificava o posto do demónio e era invisível aos olhos dos mortais. Tal como a Marca de Caim no braço de Eve, era equiparável a uma insígnia militar dos mortais. Os detalhes revelavam não só a espécie de demónio a que pertenciam, mas também o seu posto na hierarquia Infernal.

Contrariamente ao que a maioria dos teólogos pensava, a Marca da Besta não era algo a temer – como o início do Apocalipse –, mas sim um sistema de castas que existia há séculos.

Eve sentiu um formigueiro e depois um ardor na Marca. Um chamamento para entrar em ação.

² Tambor japonês (N. da T.).

³ Torre japonesa (N. da T.).

⁴ Festival de verão japonês que ocorre depois do pôr do sol (N. da T.).

– *Agora?* – perguntou secamente, em silêncio, e visivelmente exasperada. Eve era uma Marcada, um dos milhares de “pecadores” recrutados para exterminar demónios por esse mundo fora, ao serviço de Deus. Deveria supostamente matar sem contemplações, mas estava acompanhada da mãe num local de culto.

– *Lamento, amor* – disse Reed Abel, num tom que nem parecia o seu –, *mas estás no local errado à hora certa. Chegou a vez dela e és tu que estás mais perto.*

Tens andado com essa ladainha a semana inteira, retorquiu ela. *Já não pega.*

Nos últimos dias abatera um demónio por dia – por vezes, dois. Uma mulher que ganhava a vida a matar demónios precisava de mais do que um domingo de folga.

Porque sou sempre eu que estou mais perto?

Talvez por atraíres desastres.

És tão engraçado!

Reed, também conhecido como Abel – um nome bíblicamente famoso –, era um *mal'akh*, um anjo. E também um supervisor, o que significava que era o responsável pelo planeamento das caçadas de um pequeno grupo de Marcados. Era quase o mesmo que a deteção de fugitivos. Os Sete Arcanjos sediados na Terra atuavam como agentes de fiança. Reed era um executor e Eve era uma caçadora de prémios. O sistema funcionava na perfeição para a maioria dos Marcados. Eve, porém, era muito mais do que uma engrenagem defeituosa.

Jantamos hoje à noite? – perguntou ele.

Depois dessa piadinha, meu estupor arrogante?

Eu cozinho.

Eve seguiu a mãe, sempre de olho na presa.

Claro. Se eu ainda estiver viva.

Algures na sua mente, ouviu e sentiu Alec Caim – irmão de Reed – a rosar num tom desaprovador. Alec era o seu mentor. Em tempos conhecido como Caim, o Infame, passara a ser o Arcanjo Caim. Eve e Alec tinham uma história em comum, que começara dez anos antes, quando Alec lhe tirara a virgindade. Hoje em dia, a sua posição de arcanjo despojara-o da capacidade de se ligar emocionalmente a alguém mais que não Deus, mas, ainda assim, Alec não a largara.

O que é mais importante? – perguntara-lhe. – Que alguém te deseje involuntariamente, por uma questão de hormonas ou devido a alguma reação química no cérebro, ou que alguém te deseje porque assim o entendeu, por decidir conscientemente desejar-te?

Eve não fazia ideia; por isso, ia-se deixando levar na corrente, enquanto tentava perceber.

Intrrometer-se no caso de rivalidade fraternal mais antigo da história fora uma perfeita loucura, especialmente pelo facto de partilharem uma singular ligação que lhes permitia transmitir livremente pensamentos entre si. Eve questionava-se frequentemente sobre a sua capacidade para brincar com o fogo, mas a única resposta que lhe ocorria é que não conseguia evitá-lo.

Reclamarei o meu direito ao pequeno-almoço, amanhã, insistiu Alec, num tom resmungão.

Jacks Zarolhos? Ninguém os cozinhava melhor que Alec. Pedacos de pão tostados, com um buraco ao meio para alojar um ovo estrelado. Ficavam amanteigados e crocantes, e eram servidos com xarope de açúcar. Torrava também os centros e polvilhava-os com açúcar e canela para servir à parte. Eram deliciosos.

O que quiseres, meu anjo.

Era evidente que Reed não estaria por perto ao pequeno-almoço, pois o facto de se encontrar com ambos ao mesmo tempo só podia querer dizer que andavam os três a dormir sozinhos.

A *yuki-onna* pediu licença ao seu atraente companheiro e encaminhou-se para o ginásio, na passada minúscula que o kimono justo e os tamancos *gueta* lhe permitiam. Eve estava em vantagem em termos de roupa. As calças elásticas, curtas, e o *top* de alças canelado davam-lhe total liberdade de movimentos. As “botas de combate”, estilo militar, eram arejadas e funcionais. Estava pronta para festa, o que não queria dizer que estivesse com disposição para isso.

– Tenho de lavar as mãos – disse ela à mãe, sabendo que Miyoko, uma enfermeira reformada, iria apreciar a sua necessidade de higiene.

– Tenho gel antibacteriano na minha bolsa.

Eve franziu o nariz.

– *Yuck*. Essa coisa deixa-me as mãos pegajosas.

– És demasiado exigente. Quantos *dangos* queres?

– Três pauzinhos. – Os bolinhos de arroz eram grelhados em espetos de madeira e cobertos de xarope doce. Era um dos seus pratos favoritos na infância, e era raro saboreá-lo, o que agravou o seu descontentamento. Se o demónio lhe tirasse o apetite, iria pagar bem caro. A sério.

Eve deu-lhe uma nota de vinte dólares e afastou-se no encalço da sua presa.

Passou à frente do demónio e entrou no ginásio onde havia mesas de piquenique dispostas para acomodar pessoas ao jantar. Dezenas de participantes preenchiam o espaço, inundando-o de ecos de folia. Riam e conversavam em inglês e japonês, enquanto comiam. Mortais misturados com Infernais em tranquila ignorância. Eve, porém, reparou em todos os habitantes do Inferno. Sabendo o que ela era, estes reagiram, dirigindo-lhe olhares cautelosos de ódio. A marca no deltoide traía a sua identidade, tal como o seu odor. Por muito mal que eles lhe cheirassem, o seu odor era enjoativamente doce para eles, o que na verdade era um absurdo, pois nenhum Marcado era doce. Todos eram invariavelmente amargos.

Encostou-se à parede e viu a *yuki-onna* aproximar-se através das portas de vidro fumado. Àquela distância, Eve conseguia ver os pés do demónio a flutuar um pouco acima do chão.

Recuando lentamente, Eve contornou a esquina para se manter fora do seu alcance. Havia uma estante de vidro na parede, à altura do seu ombro, estava iluminada por dentro e exibia alguns troféus e uma catana. Eve olhou rapidamente em redor, percebendo que todos os outros ocupantes do ginásio estavam distraídos. Num abrir e fechar de olhos, arrancou a fechadura metálica e redonda com a ajuda do indicador e do polegar, e retirou a arma embainhada, prendendo-a depois entre a coxa e a parede, na esperança de que não fosse apenas decorativa. Mesmo que fosse, poderia sempre invocar a clássica espada flamejante, mas preferia não o fazer. Os edifícios tinham o péssimo costume de se incendiar em seu redor. Além disso, era bastante mais hábil com a elegante espada de samurai, ligeiramente curva, do que com a pesada espada de guerra.

A sua presa entrou no ginásio e virou na direção oposta, dirigindo-se às casas de banho, como Eve calculou que faria. Aproximar-se da

casa de banho das mulheres na presença de grandes quantidades de comida e bebida nunca era muito bom, mas Eve não tinha alternativa possível. Tinha a mãe à espera e não podia correr o risco de perder a presa.

O seu atual dilema era uma das muitas razões por que os Marcados não deviam manter laços familiares. Os pecadores escolhidos eram geralmente solitários, fáceis de realojar em solo estrangeiro. Os familiares eram uma responsabilidade. Eve era a única exceção à regra. Alec lutara para a manter perto de casa porque sabia como os pais eram importantes para ela. Fora também movido pela culpa, pois Eve fora marcada, em consequência da sua indiscrição, dez anos antes.

A máquina da justiça era tão lenta no Céu como na Terra.

Quando a porta oscilante da casa de banho se fechou atrás do demónio, Eve seguiu-o. A Marca estava quente e latejava intensamente sob a pele do seu deltoide, injetando-lhe agressividade e fúria nas veias. Os seus músculos engrossaram e a sua passada alterou-se. As reações do seu corpo eram primitivas e animais; a sede de sangue, brutal e viciante. Passara a ansiar por ela como uma droga.

Se o intervalo entre caçadas fosse demasiado longo, ficava irritada e agitada.

Apesar da carga de energia, mantinha um batimento cardíaco regular e as mãos firmes. O seu corpo era agora um templo e funcionava como uma máquina. Ao entrar na casa de banho estava calma e concentrada. Desde quando se sentia confortável com a sua existência paralela de homicida? Teria de ponderar nisso mais tarde, quando tivesse alguma privacidade e tempo para chorar.

As portas dos compartimentos estavam todas ligeiramente entreabertas, exceto a dos deficientes, ao fundo da sala. O fedor a alma em decomposição empestava o espaço. Fixo à parede, junto à porta, estava um sinal rebatível de “Chão molhado”. Tirou-o da parede e colocou-o lá fora, no corredor, fechando e trancando a porta. Não seria tão útil como o cone a assinalar “Fora de serviço”, mas teria de servir.

Foi-lhe impossível conter o súbito fluxo de memórias que a relembraram de uma outra casa de banho onde combatera um dragão,

à custa da sua própria vida. Fora ressuscitada para voltar a matar graças a um acordo que Alec fizera com alguém, algures. Desconhecia os detalhes, mas sabia que o preço a pagar seria certamente alto. Se não estivesse já apaixonada por ele na altura, a intenção dele de se votar a tamanho sacrifício teria sido o suficiente para selar o acordo. Ainda não estava preparada para morrer, apesar de matar demónios e ter uma vida amorosa atribulada.

Esperava um dia poder casar e ter filhos, desfrutar de uma carreira de sucesso e passar férias com a família. Mas primeiro teria de se libertar da Marca, manipulando alguém com autoridade ou reunindo indultos suficientes para se libertar da sua penitência.

É claro que havia lacunas no sistema de penitências. Matara *duas* vezes o filho adolescente do Alfa da alcateia de lobisomens Diamante Negro, mas apenas a segunda morte lhe fora atribuída. Essas porcarias enraiveciam-na. Mas o que é que ela poderia fazer, se nem o próprio Deus fazia jogo limpo?

Um débil gemido prendeu-lhe a atenção, um som com uma nota aguda e trémula, próprio de uma criança. Eve girou os ombros e esperou. Na caça, o importante era o posicionamento e não tanto o ataque. Estava exatamente no centro da divisão, na sua zona mais ampla. A saída estava atrás de si. O Infernal teria de passar por si para sair. Porém, estava fora de questão fazer um gesto que fosse para apressar as coisas.

A Marca continuava a inundá-la de adrenalina e hostilidade. Os seus sentidos concentraram-se na presa, carregando-lhe a mente de informação. Afastou mais as pernas.

– Sai. Sai cá para fora, onde quer que estejas... – cantarolou.

A fechadura da cabina dos deficientes girou e a porta abriu-se para dentro, revelando o rosto lívido e choroso de uma criança. Uma linda rapariguinha de ascendência asiática, com um vestido leve, de verão, decorado com um padrão de melancias em torno da bainha. Devia ter uns seis ou sete anos e tremia de medo. Momentos depois, o belo rosto da *yuki-onna* surgiu por cima da cabeça da rapariguinha.

– Não foi boa ideia fazeres um refém – rugiu Eve.

Quando tivesse filhos, jamais os perderia de vista.

– Sairei daqui com a criança – disse o Infernal no seu tom de voz musical, com sotaque, saindo da cabina com a mão no ombro da rapariguinha.

– Libertá-la-ei depois.

A criança começou a bater os dentes. Os seus lábios adquiriram uma tonalidade azulada e a sua pele arrepiou-se em redor do ponto onde o demónio a estava a agarrar.

– Vais morrer – disse Eve, sem rodeios. A *yuki-onna* fora designada como alvo a abater e os Marcados dar-lhe-iam caça até a matar.

– Tu também – retorquiu o demónio. – Queres mesmo desperdiçar os teus últimos momentos a matar-me?

Há um refém, disse ela a Reed, ignorando a costumeira tática de intimidação e negociação do demónio. *É uma rapariguinha. Tenho de a tirar daqui.*

Uma brisa quente percorreu-lhe a pele. Uma prova palpável de que o seu supervisor estava sempre presente. Embora estivesse proibido de dar apoio aos seus subalternos durante as caçadas, resgatar mortais que estivessem no caminho estava dentro das suas competências. *É só dizeres*, murmurou ele.

Eve não fazia ideia de onde ele estava, mas, sendo um *mal'akh*, poderia materializar-se – ou teletransportar-se de um local para outro – numa fração de segundo.

– A minha intenção era abater-te de forma justa – disse ela ao demónio, erguendo a catana no ar. – Já devia saber que irias fazer jogo sujo.

– Estou desarmada. – Mentira. Todos os demónios tinham determinados dons, tais como a capacidade de gerar tempestades, no caso da *yuki-onna*. Os Marcados podiam apenas contar com a sua inteligência e força. Eram fisicamente apurados por ação celestial – o que lhes permitia regenerarem-se e reagirem rapidamente – mas não tinham quaisquer “poderes” sobrenaturais.

– Dar-te-ei a minha arma se libertares a miúda – disse Eve, num tom sombrio. Depois, desembainhou a catana e atirou com a bainha de madeira lacada à cabeça do demónio, dirigindo-se a Reed:

Agora!

O demónio levantou os braços para se proteger do projétil e Reed arrebatou a criança, antes que a *yuki-onna* conseguisse agarrá-lo.

O grito de raiva do Infernal foi acompanhado de uma rajada de vento gélido que irrompeu pela sala como uma explosão. Eve foi projetada contra um aparelho de secar as mãos com tanta violência, que o poderia ter espalmado contra a parede. Só a sua obstinação a impediu de largar o punho da catana.

As suas botas bateram no chão com um ruído seco e começaram imediatamente a correr.

Eve correu para diante, de braço erguido e espada em riste, dando um grito de guerra que lhe fez gelar o próprio sangue. O pavor da criança pairava ainda no ar e o seu cheiro acre, misturado com o fedor da alma pútrida do Infernal, intensificou o efeito da Marca. Eve saltou e desferiu um golpe na diagonal, mas o demónio esquivou-se num redemoinho de neve. A temperatura desceu drasticamente. Os espelhos ficaram embaciados nas extremidades, e o bafo da sua respiração tornou-se visível no ar gélido.

Eve perseguiu-a, fintando-a e defendendo-se dos aguçados pingentes de gelo que se estilhaçavam como vidro contra a lâmina cintilante da catana, salpicando o chão ladrilhado de cacos.

Esmagando-os com os pés ao caminhar pelo chão escorregadio, o avanço de Eve foi preciso. O Infernal recuou e o seu belo kimono flutuou pelo ar, com a seda grossa esfarrapada pelos ataques calculados de Eve. Embora anteriormente fosse um dos piores espada-chins da turma, Eve praticara exaustivamente até deixar de ser um embaraço para si própria. A sua habilidade no manejo da arma era ainda pouco mais que sofrível, mas já não se sentia irremediavelmente inapta.

Começou a trautear uma cantiga alegre.

Tal como esperava, o demónio atrapalhou-se, surpreendido pelo seu aparente tédio, e a rajada seguinte da *yuki-onna* não foi tão veloz como as anteriores. Eve aparou-a com o punho, arquejando de dor ao sentir uma lasca de gelo trespassar-lhe a palma da mão. O sangue começou a correr e o demónio gritou triunfantemente ao sentir o seu odor. Um grito que apenas os ouvidos mais apurados poderiam escutar. Eve lançou o pingente de volta, e, imediatamente

a seguir, a catana. O Infernal aparou o primeiro projétil, com uma explosão gélida, mas ficou vulnerável ao segundo, e a lâmina golpeou-lhe o tríceps direito, que começou a sangrar, cravando-se depois na parede atrás dele. Uma mancha carmesim alastrou pelo branco imaculado do quimono.

– Xequemate – disse Eve, provocadoramente. – O teu sangue em troca do meu.

O Infernal retaliou com um pingente que lhe trespassou a coxa direita e Eve gritou, caindo sobre um joelho. Agonizando de dor, invocou silenciosamente uma espada, erguendo a mão aberta para acolher a oferenda...

... que não apareceu.

Eve ficou gelada. Jogara com a perda da catana, mas saíra-lhe o tiro pela culatra. Sempre rezeira que aquilo acontecesse um dia. Sendo anteriormente agnóstica, nunca revelara pelo Todo-Poderoso a mesma deferência que os demais. Não era propriamente afrontosa, mas talvez se manifestasse de forma demasiado frontal ao expressar a sua incompreensão pela forma como Deus resolvia as coisas.

Invocou de novo a espada, acrescentando “por favor”, por via das dúvidas, mas o resultado foi o mesmo. Nada. Eve rosou furiosa por lhe recusarem o instrumento de que precisava para terminar a tarefa que lhe fora imposta.

A *yuki-onna* percebeu rapidamente o que falhara e deixou escapar uma melodiosa gargalhada.

– Talvez ele tenha chegado à conclusão que estás perdida e que não vale a pena salvar-te.

– Vai-te foder.

– É raro Samael oferecer uma recompensa tão alta ou permitir que todos no Inferno a reclamem – disse o demónio com um sorriso –, mas também é a primeira vez que alguém lhe atropela um dos seus animais de estimação.

– Que recompensa? – disse Eve, esperando conseguir esconder o súbito pavor que sentiu. – Satanás está aborrecido por eu lhe ter atropelado o *cão*? Isso é de morrer a rir.

Eu não me estou a rir, disse Alec, bruscamente.

Eu sei, suspirou Eve. *Porcaria de vida a minha.*

Tentou a custo levantar-se, aliviando o peso sobre a perna empalada. Depois, baixou a mão e arrancou a adaga de gelo da perna, atirando-a fora. O sangue esguichou, saindo depois em jorros da ferida aberta, mas ela decidiu ignorá-lo momentaneamente. Tinha problemas mais graves para resolver.

– O que tem graça – retorquiu-lhe a *yuki-onna* – é que todos te vão desfazer em pedaços no Inferno.

– Todos, não é? – disse Eve, encolhendo os ombros. – Samael terá de se esforçar um pouco mais, se quiser dar cabo de mim.

Linda menina, disse Alec, num tom elogioso. *Nunca lhes dêes parte fraca.*

Mas ela sentiu inquietação na sua voz. Sentiu também que ele estava a ponto de atacar para a resgatar.

Eu trato disto, disse ela, contendo-o. Não sabia ao certo como, mas iria descobri-lo sozinha. Jamais permitiria que uma cabra de tamancos a derrotasse.

– Samael quer-te – disse o demónio, provocadoramente. Parecia ainda mais bonita com o cabelo desalinhado e os olhos muito abertos – e eu serei recompensada pela tua captura.

Rindo, apesar do seu pânico crescente, Eve invocou a espada pela terceira vez – com uma espécie de oração – e foi de novo ignorada.

Defendeu-se de outro pingente de gelo do demónio, com o antebraço, correndo bruscamente para a direita, para apanhar um segundo. Atirou-o de volta, mas este foi desviado por uma explosão de ar gelado. Ao mesmo tempo, ia-se aproximando da parede onde a catana estava cravada.

– Poderás fazer reféns – disse Eve, como que a provocar –, mas jamais me apanharás.

Às vezes, a fanfarronice era a única arma de um Mercado.

– Estou a começar a achar o contrário – retorquiu o demónio, com um brilho malicioso nos olhos escuros.

Ouviu-se bater à porta e depois uma torrente de comentários ansiosos em japonês. Já não era a primeira vez que desejava que a mãe lhe tivesse ensinado a língua. Porém, tudo o que sabia era que alguém queria entrar e que o demónio que enfrentava já não estava ansioso por sair. Na verdade, a intrusão pareceu estimular a *yuki-onna*.

Eve deu mais um passo em frente, mas escorregou num caco de gelo e derrapou. A perna ferida dificultava-lhe o equilíbrio. A queda iminente inspirou-a e ocorreu-lhe uma forma possível de atingir os seus fins.

Isto se Deus estivesse na disposição de colaborar e dar-lhe uma oportunidade, claro.

Chapinhando energicamente com o pé na água, salpicou-a com água e gelo. A *yuki-onna* retaliou com uma rajada de pingentes de gelo e Eve correu para a frente. Tirando partido da água nos ladrilhos, atirou-se para o chão, deslizando direita a ela, de pés.

– Essa espada dava-me bastante jeito, agora – gritou na direção do céu, deslizando pela casa de banho ladrilhada a uma velocidade vertiginosa. – *Por favor.*

Nada.

O tempo abrandou até quase parar...

O demónio saltou elegantemente e ficou a pairar no ar, sustentado por correntes de ar gelado. Levitando de bruços, a aparente beleza do demónio desfez-se, revelando a sua verdadeira essência maléfica: tinha olhos cor de sangue e enormes mandíbulas com dentes enegrecidos. Uma teia de veias negras alastrou-lhe pela pele acinzentada até à linha do cabelo. Lanças de gelo semelhantes a bastões de esqui surgiram-lhe nas palmas das mãos quando abriu os braços.

Alec e Reed rugiram em uníssonos no seu cérebro e os seus gritos ecoantes abafaram tudo o resto. Eve viu o demónio pairar sobre si, em câmara lenta, como uma aparição fantasmagórica: as suas vestes brancas estavam esfarrapadas e o cabelo parecia uma juba ondulante. Eve levantou os braços para se proteger do ataque breve, mas foi surpreendida por um enorme peso que a forçou a baixar o antebraço sobre o peito... o peso de uma espada de guerra que lhe surgiu miraculosamente na mão.

Apertou o punho da espada, arqueou as costas para cima e lançou a espada como um dardo, atingindo a *yuki-onna* em cheio, no peito. A espada enterrou-se nela com um ruído surdo, nauseante.

O demónio explodiu em cinzas.

Eve continuou a deslizar pelo chão até bater na parede. A catana

soltou-se com o impacto e deu uma volta no ar, precipitando-se em direção à sua cabeça. Eve desviou-se bruscamente para o lado, rebolando sobre si mesma para evitar a arma, que se cravou no chão, exatamente no local onde estivera segundos antes. A espada, liberta do corpo do demónio, caiu ruidosamente no chão ladrilhado atrás de si.

– C'os diabos – sussurrou.

Viu um par de botas de biqueira de aço junto da sua cabeça e depois uma mão. Olhou para cima e deparou-se com uns olhos cor de chocolate. Em tempos, o calor do olhar de Alec era tão intenso que lhe queimava a pele. Tinha saudades desse olhar. Porém, vê-lo já lhe provocava desejo suficiente pelos dois.

Com um pouco mais de um metro e oitenta, Alec era tão dissoluto como seria de esperar de um predador experiente. Era o mais respeitado e leal executor de Deus e o seu corpo refletia essa vocação. Tinha o cabelo demasiado comprido, como sempre, mas Eve enfrentaria qualquer um que se aproximasse dele com uma tesoura.

– Deus não podia ter demorado mais a livrar-me do sarilho em que me meteu – resmungou.

– Reparaste na ausência do fogo? – O seu tom de voz sombrio e ligeiramente rouco era pura sedução, mesmo com aquela ressonância única dos arcanjos. A voz não parecia a mesma quando ele se lhe dirigia telepaticamente, o que infelizmente até era conveniente. Na sua mente, ele era muito diferente do que era na realidade.

Ela piscou os olhos.

– Foste *tu* que me salvaste? O que raio vem a ser isto? Ele ia deixar-me morrer, *outra vez*?

– Obviamente que não, visto que não morreste. Foi uma lição de fé.

– Acho que foi mais do tipo “Eu sou Deus. Olha para mim, a gozar com a tua cara”.

– Cuidado – advertiu ele.

Eve aceitou a mão estendida. Ao ajudá-la a levantar-se, o seu peito e abdómen musculosos contraíram-se visivelmente por baixo da *t-shirt* branca e justa. Eve não podia deixar de reparar nesses detalhes, embora estivesse proibida de tocar no que via.

– Que obsessão é esta dos demónios com as casas de banho? – perguntou. – Grimshaw abriu um precedente ao enviar aquele dragão para me matar. Juro que matei, pelo menos, meia dúzia de Infernais em casas de banho, desde então.

O dragão pertencia à corte de Asmodeus, mas matara-a a mando de Charles Grimshaw, anterior Alfa da Alcateia Diamante Negro do Norte da Califórnia, e pai do Lobo que tivera de matar duas vezes. A retaliação demoníaca era uma bela de uma chatice.

Alec praguejou ao olhar para a sua coxa. Os dedos dos pés de Eve chapinhavam no sangue que lhe ensopava a meia e lhe escorria pela sola da bota. Iria precisar de um novo par de botas.

Ele curvou-se para examinar o ferimento mais atentamente.

– Eu podia ter vindo mais rápido, mas tive de enxotar a multidão de Infernais que estava no corredor.

– Multidão?

– Não me parece que a cabra de gelo estivesse a brincar quando falou de recompensa.

– O que sabes tu que eu não sei? Nunca acreditarias num Infernal sem uma prova qualquer.

Alec assumira o controlo do funcionamento quotidiano das Empresas Gadara – a fachada secular da firma norte-americana de Marcados – desde que o arcanjo Raguel fora feito prisioneiro de Satanás, alguns meses antes, o que significava que estava a par de quase todos os acontecimentos infernais ou celestiais, do norte do Alasca ao extremo sul do México.

– O número de Infernais no Orange County triplicou nas últimas duas semanas.

Exatamente na altura da sua formatura. Não havia coincidências, como tantas vezes lhe lembravam.

– Não admira que isto estivesse tão movimentado aqui.

Ele olhou-a com um ar resignado.

– E ficará mais movimentado se Samael estiver de olho em ti.

– Um prémio pela minha captura, acessível a todas as classes de demónios? Meu Deus... dir-se-ia que lhe atropei o cão, ou coisa do género. Espera aí... Atropei mesmo. – Eve apoiou o peso do

corpo sobre a perna ferida, e sentiu-a latejar de dor, retraindo-se imediatamente.

Alec enfiou o ombro debaixo do seu braço, para a amparar.

– Temos de ligar essa perna, ó esperta.

– Não é por ser esperta que *gostas* do meu rabo⁵.

– Adoro-o – disse ele, apertando-lhe afetuosamente o rabo. Alec estaria impedido de a amar romanticamente, mas o desejo não era problema. – Mas também adoro o teu corpo sensual e gostaria de o manter intacto.

A Marca permitia-lhe regenerar-se muito rapidamente. Dentro de uma ou duas horas teria apenas uma cicatriz rosada e, ao anoi-tecer, o ferimento não passaria de uma recordação. Mas poderia acelerar um pouco o processo de regeneração, fechando-o com alguns adesivos próprios para o efeito. Tinha de se despachar, porque a mãe continuava à sua espera.

Eu cuido de Miyoko, asseverou-lhe ele.

– Eu levarei Eve a casa, para mudar de roupa – atalhou uma voz cava.

Ambos viraram a cabeça e viram Reed junto da porta. Percebia-se que eram irmãos pela semelhança de feições, mas, de resto, eram o oposto um do outro. Reed preferia fatos Armani e cortes de cabelo impecáveis. Naquele dia, vestia calças desportivas pretas e uma camisa cor de lavanda, aberta no colarinho, com as mangas enroladas nos pulsos. A cor era suave mas assentava-lhe magnificamente – o que testemunhava a sua absoluta masculinidade.

Alec apertou-lhe mais o braço à volta da cintura. Os dois irmãos, juntos, eram como óleo e querosene – perigosamente inflamáveis. Recusavam-se a revelar-lhe o que dera origem ao seu conflito ancestral e reprimiam de tal forma essa memória na sua mente, que lhe era impossível encontrá-la. Fosse qual fosse a ferida, era fácil estimular a raiva homicida que alimentava. Há anos que se matavam um ao outro – mais por iniciativa de Caim do que de Abel –, mas Deus ressuscitava-os sempre para que lutassem um pouco mais, o que era bastante desagradável, no seu ponto de vista. Não

⁵ Sem tradução (*smart ass* = esperta) (N. da T.).

conseguia perceber por que motivo Deus permitia que os dois irmãos continuassem a lutar.

– Como vamos resolver esta embrulhada? – perguntou Eve, dirigindo um sorriso tranquilizador a Alec antes de se afastar dele. Um rasto de sangue assinalava a sua recente derrapagem kamikaze pelo chão. O gelo estava a derreter-se rapidamente, e a mancha vermelha alastrava pelas linhas de argamassa, criando um mapa estranhamente convincente.

Alec pisou o chão encharcado e estalou os dedos, transferindo toda a água e o sangue para o lavatório mais próximo. Fê-lo tão rapidamente que nem a visão apurada de Eve lhe permitiu detetar o movimento. Reed levá-la-ia a casa de forma semelhante.

Graças a Deus, os Marcados tinham supervisores que olhavam por deles. Eve era mais afortunada do que a maioria pelo facto de ter também Caim, embora isso criasse alguma fricção com alguns Marcados, que achavam que estava a ser favorecida. Não pensavam na quantidade de demónios que a queriam usar para chegar ao mais mortífero de todos os Marcados. Para os Infernais mais arrogantes e hostis era como se andasse com um alvo pendurado às costas.

E fora o próprio Satanás que lho aplicara.

– Anda – disse Reed, estendendo-lhe a mão –, antes que a tua mãe chame reforços.

– Esquece os reforços – disse Alec, piscando o olho a Eve.
– Miyoko atacaria sozinha.

Um fedor a esgoto surpreendeu-a a meio de uma gargalhada. Olhando em redor, à procura do demónio que estaria certamente na sua origem, deu consigo de olhos pregados numa inexplicável poça de água a seus pés... e nuns olhos azuis malévolos e cristalinos que já conhecia bem. Um rosto na água. Instintivamente, pisou a poça de água com força e destruiu o rosto do demónio aquático, salpicando água por toda a parte.

– O que raio vem a ser isto? – gritou Reed, amparando-a, ao vê-la cambalear por causa da coxa ferida.

Num abrir e fechar de olhos, Eve viu-se na cozinha de sua casa, no terceiro andar do bloco de apartamentos de Huntington Beach.

– Viste-o? – arquejou, encostando-se contra o seu corpo rijo.

Reed apertou-a nos braços.

– Vi-o, sim.

Já desapareceu, disse Alec, sombriamente. *Vou sair para afastar a tua mãe, mas teremos de resolver isto quando nos despacharmos daqui.*

O demónio era um Nix – um espírito aquático transmorfo, de origem germânica. Andava de olho nela praticamente desde que fora marcada e tornara-se um incómodo até ela o matar. Ou melhor, até ela *pensar* que o tinha matado.

Mais tarde ou mais cedo, *iria* matá-lo. Fora aquele Nix que tirara a vida à sua vizinha, Mrs. Basso, uma viúva franca, adorável, e também uma amiga muito querida. Quando a caça aos Infernais se tornava mais dura, era o desejo de vingança que a movia.

Afastou-se de Reed e coxeou pelo corredor até ao quarto. O ruído cadenciado da rebentação entrava pela porta deslizante, envidraçada, da varanda da sala. Antes de ser marcada, Eve era *designer* de interiores. O apartamento fora um dos seus primeiros projetos e continuava a ser um dos seus espaços favoritos. Até os erros de planeamento lhe eram queridos. Não alteraria nada. Ali, sentia-se segura. Ali, era mais ela própria e não a assassina de demónios.

Eve absorveu a calma de sua casa, respirando fundo várias vezes.

Reed chamou-a num tom ao mesmo tempo sedutor e desafiante:

– Precisas que te ajude a despir?

Ela suspirou interiormente. Os piores habitantes do Inferno convergiam em massa para lá daquelas paredes. Teria de estar preparada quando se aventurasse de novo a sair.

Como se a sua vida amorosa não fosse já suficientemente perigosa.

Capítulo 2

Eve subiu para um banco, junto da bancada central da cozinha.

– Quem me dera que os demónios que mato continuassem mortos.

Na verdade, explodiam geralmente em cinzas, como a *yuki-onna*, e eram devolvidos ao Inferno onde eram castigados por desperdiçarem a sua oportunidade de atazanar mortais. Ela era a única Marcada que aniquilara o mesmo demónio mais do que uma vez.

– Eh! – resmungou Diego Montevista sentado no banco a seu lado. – Eu estou vivo pelo mesmo motivo que eles voltaram a assombrar-te.

Eve sorriu:

– Exatamente. Mas tu mereces.

Montevista, antigo chefe do corpo de segurança de Raguel e também um Marcado duríssimo, deu-lhe um encontrão com o ombro.

– Podes ter a certeza.

Mira Sydney franziu o sobrolho, do lado oposto da bancada. Tal como o seu parceiro Montevista, estava vestida de negro da cabeça aos pés, calças de paraquedista, *t-shirt* de algodão e coldres com um revólver *9mm* e uma adaga, presos às coxas.

– Ainda não percebi como isso aconteceu.

Montevista era corpulento e ameaçador. A tenente, pelo contrário, era franzina e afável. A sua tez caucasiana contrastava com a pele morena do latino. Mas era evidente que se gerara uma forte afinidade entre ambos, pelo facto de trabalharem juntos há décadas.

Alec destacara-os para proteger Eve, depois do festival de Obon. Afinal de contas, Caim, o Infame, não precisava do mesmo tipo de proteção que os outros arcanjos. Eve não se importava, pois criara laços de amizade com Montevista e Sydney, durante o seu treino – uma perfeita afronta, o treino mais desastroso da história dos Marcados. Numa turma de nove, apenas três sobreviveram, e Raguél Gadara fora capturado – o primeiro e único sequestro bem-sucedido de um arcanjo.

– Isto está uma desgraça desde que Eve entrou em cena – resmungou Reed junto do fogão, onde salteava galinha Kung Pao caseira. Estava visivelmente contrariado pelo facto de estarem acompanhados no seu encontro.

– Obrigadinho.

Ele esboçou um sorriso diabólico que contrastava bastante com as asas e a auréola que exibia de vez em quando para impressionar. Reed tinha muito pouco de angélico.

– Pelo menos serves para lavar a vista.

Eve rosnou. Ele piscou-lhe o olho.

Por muito atraente que fosse – e ficava especialmente bem de avental por cima da sua sempre elegante indumentária –, tinha algumas arestas a limar. Eve não tencionava suavizá-las mas sim entendê-las. Aprendera em primeira mão que ele era o tipo de homem capaz de levar uma mulher a pecar com um simples olhar. Charme não lhe faltava. Ainda assim, Eve tinha fortes suspeitas de que parte da crueza que lhe sobrava nas palavras se devia à agitação em que ficava perto dela.

A forma como se deixava afetar por ela era estranhamente enternecedora e Eve não podia deixar de explorar essa atração.

Sydney pigarreou:

– Conta-me a história desde o início.

Eve olhou-a:

– Certamente que já a ouviste demasiadas vezes.

– Não em primeira mão. Quero ouvi-la da tua boca.

– Está bem – disse Eve, encostando-se ao balcão.

– Quando eu era ainda novata, deparei-me com um Tengu que não cheirava a podridão nem ostentava quaisquer detalhes, e contei

a Caim. Depois contámos a Gadara e ele pediu-nos que descobríssemos de onde viera o demónio. Abel concordou e emitiu a ordem.

Sydney olhou de relance para Reed.

– Lembro-me de ouvir dizer que te destacaram para uma caçada antes de seres devidamente treinada.

A expressão de Reed endureceu. Sendo supervisor de Eve, era a única pessoa que lhe podia confiar tarefas. Os Marcados não deviam caçar antes de serem convenientemente treinados.

Eve anuiu.

– Felizmente para ele, ninguém acreditou em mim. Pensavam que eu estava em transição e que os meus sentidos de Marcada ainda não estavam totalmente desenvolvidos.

– Eras muito inexperiente? – perguntou Montevista.

– Entrara um ou dois dias antes.

Sydney assobiou.

– Sim, foi miserável – assentiu Eve. – Especialmente depois de eu provar que não estava chalada e *ainda assim* sermos forçados a descobrir a origem dos poderes do Tengu.

– O agente de camuflagem – disse Montevista –, uma substância que oculta temporariamente o cheiro e os detalhes do Infernal.

– Foi isso que começaram a chamar-lhe. Eu e Caim descobrimos que estavam a produzir e a distribuir a camuflagem a partir de uma fábrica de alvenaria, a menos de uma hora de carro daqui.

– Ah, pois – disse Sydney, sorrindo. – Em Upland.

Eve acenou timidamente. Jamais o esqueceria.

– O agente de camuflagem era produzido a partir de uma ração de sangue e ossos de Marcado, animais e Infernais, com a ajuda de feitiços e outras coisas. Caim lembrou-se de destruir os ingredientes da camuflagem no enorme forno do tapete rolante da linha de montagem da fábrica de alvenaria; a mim ocorreu-me atirar o Nix para dentro do forno e evaporá-lo; e Reed decidiu trancar o herdeiro da Alcateia Diamante Negro na sala do forno. Deus, por seu lado, decidiu pregar-nos uma partida, convertendo o agente de camuflagem numa substância capaz de preservar a vida quando cozinhada a altas temperaturas, o que conservou o Lobo e o Nix em vez de os

desfazer em pedacinhos. Foi também isso que salvou Montevista, algumas semanas mais tarde.

Sydney lançou um olhar consternado aos céus. Depois, percebendo que Eve não fora fulminada por um raio por ter blasfemado, disse:

– Ouvi dizer que a explosão do forno deixou uma cratera no solo do tamanho de um quarteirão.

– No mínimo – disse Reed, contendo uma gargalhada. – Parecia uma minibomba atômica.

Montevista sorriu.

– As histórias que se ouvem por aí não são exageros.

– Uau – exclamou Sydney, olhando para Eve. – Portanto, mastate o Lobo segunda vez, mas o Nix apareceu hoje no festival.

– Exatamente – disse Eve, percorrendo os veios do granito na superfície do balcão com a ponta dos dedos. – Aliás, a polícia deixou-me uma mensagem no meu correio de voz, esta tarde. Quem me dera que me tivessem ligado ontem ou mesmo hoje de manhã, pois estaria preparada para a aparição do Nix.

Reed parou de mexer a frigideira e olhou-a fixamente.

– Os mesmos detetives que estão a investigar a morte de Mrs. Basso?

– Sim, Jones e Ingram, de Anaheim. Desde a sua primeira entrevista que não tenho notícias da Polícia de Huntington Beach.

– O que querem eles?

– Querem falar comigo. Não deram detalhes. Imagino que o Nix tenha voltado a fazer das suas. Já tinha assassinado uma dúzia de pessoas antes de matar Mrs. Basso, portanto, não o estou a ver a parar agora. – Sentiu uma dor no peito ao pensar na vizinha. – Não entendo porque não começámos a persegui-lo há mais tempo. O nosso propósito não é salvar vidas?

Lamento, querida. Eve sorriu agradecida ao ouvir o tom empático de Reed.

Montevista apertou-lhe consoladoramente a mão.

– Ninguém sabe que critério o serafim segue para apontar Infernais como alvo.

A maior parte dos demónios era discreta. Dar demasiado nas vistas enfurecia não apenas Deus, mas o próprio Satanás, pois

nenhum dos dois estava preparado para o Apocalipse, por agora. Satanás não era suficientemente poderoso e Deus gostava das coisas como estavam.

Mas o Nix era demasiado arrogante. Andara a matar mulheres em todo o Orange County, deixando um peculiar cartão de visita, que chamou a atenção da polícia – um lírio aquático a flutuar numa taça de ponche da marca Crate and Barrel. A morte de Mrs. Basso chamara também a atenção de Eve, que infelizmente tinha o seu próprio cartão de visita poisado sobre a mesa de café, à vista de todos. Agora os detetives andavam em cima dela para que lhes fornecesse informação que ela não lhes podia dar. Responder-lhes “anda um demónio degenerado a monte, mas não se preocupem porque eu sou uma assassina de demónios ao serviço de Deus” não iria certamente acabar com as suas preocupações.

Alec surgiu de repente do seu lado esquerdo, materializando-se inesperadamente em sua casa.

– Deixa-me adivinhar: galinha Kung Pao.

– Belo olfato – disse Eve, olhando sucessivamente para os dois irmãos e apercebendo-se do perpétuo clima de tensão que se instalava numa sala sempre que estavam os dois presentes. Alec deveria ter batido à porta, o que não seria difícil, uma vez que vivia no antigo apartamento de Mrs. Basso, na porta ao lado. Mas uma entrada pelos meios tradicionais não provocaria a mesma irritação em Reed.

Alec apoiou uma mão sobre o tampo do balcão, outra sobre o banco de Eve, e inclinou-se para ela, beijando-lhe a testa.

– Sempre que cozinha para uma rapariga, Abel faz Kung Pao – murmurou.

– *A sério?* – disse ela, olhando para Reed de sobranceiras arqueadas.

Montevista estava com um olhar divertidíssimo e Sydney desviou os olhos com meio-sorriso.

Reed olhou-o furioso.

– Se considerares que o “sempre” é um prato único da China do século dezanove, o teu “monta aí, amor, vamos dar uma volta” daria pano para mangas. E ainda dizes que as minhas frases de engate não prestam.

– Por acaso tenho algo em que vale a pena montar – disse Alec, num sotaque arrastado.

Reed bateu ruidosamente com a colher de bambu na frigideira.

– Então, põe-lhe a sela e desaparece, meu imbecil. Ninguém te convidou para cá vires.

Eve deslizou do banco.

– Basta. Os lacaios de Satanás atrás de mim e vocês a discutirem quem é melhor na cama?

– Foi ele que começou – disse Reed, num tom brusco.

– Mas eu estou a pôr um ponto final na conversa – Quem lhe dera que um *shot* de licor resolvesse a questão. Infelizmente as substâncias alteradoras do comportamento não produziam nenhum efeito no seu corpo apurado pela Marca. Depois, cruzou os braços e perguntou a Alec:

– Vieste cá porque tinhas notícias para nos dar?

Ele sacudiu a cabeça:

– O problema é esse. Não se ouve uma palavra sobre a alegada recompensa nas ruas. Seria de esperar ouvir alguma coisa da boca de um informador ou de um Infernal à procura de abrigo, mas está tudo terrivelmente silencioso.

– E tinhas de te intrometer no nosso encontro para nos dizer que não há nada de novo? – rosnou Reed.

– Não – disse Alec com um sorriso afetado. – Tinha de me intrometer porque isso te irrita.

Eve estalou os dedos para que se voltassem a concentrar nela.

– O facto de andarmos mais atarefados do que habitualmente não pode ser uma coincidência, como passas a vida a dizer-me.

Alec anuiu.

– Certo. Ainda estou a investigar.

– Além disso... ao pensar naquela noite em Upland, ocorreu-me algo de importante, de que só agora me lembrei.

Tinha quatro pares de olhos pregados nela.

– O Nix disse-me algo mesmo antes de eu o atirar para o forno – prosseguiu. – Eu perguntei: “porquê eu?” e ele respondeu “faço o que me mandam”.

– Nunca me contaste isso – disse Alec, acusadoramente.

– Lamento. – Estava a ser sincera. Sobreviver significava nunca baixar os braços. – Ele morreu e voltou para o Inferno e eu estava a tentar não me juntar a ele. Esqueci-me por completo disso.

– Merda. Por isso, não devias conseguir impedir-nos de ler os teus pensamentos.

Eve não sabia como nem porquê, mas conseguia por vezes evadir-se à ligação intrínseca entre os Marcados e os seus superiores, e sentia-se grata por isso. Uma mulher tinha de ter os seus segredos, especialmente estando envolvida num triângulo amoroso tão controverso

Eve prosseguiu, antes que se desviassem por completo do assunto.

– Reparei também em algo de novo hoje: os detalhes dele revelam que é atualmente um laçao de Asmodeus.

Reed desligou o lume no fogão.

– Os detalhes do Nix foram-lhe cedidos por um demónio menor.

– Mas não são os mesmos que tinha quando tu e eu o vimos pela primeira vez – insistiu ela.

– Samael e um rei do Inferno – sussurrou Sydney. – Caramba!

Eve limitou-se a acenar debilmente com a cabeça. E pensar que em tempos se considerara uma pessoa com sorte.

– Posso saber por que razão Satanás é príncipe e os demónios abaixo dele são reis?

– Não! – gritaram Reed e Alec em uníssono.

Ela ergueu as mãos num gesto defensivo.

– E-está bem, pronto.

Alec fitou-a de olhos semicerrados.

– Que raio, meu anjo.

Evangeline, Eve, meu anjo. Um diminutivo que apenas Alec usava. E dizia-o ainda naquele sussurro cavo e sedutor que a levava a meter-se naquela embrulhada.

Montevista dirigiu-lhe um olhar mordaz:

– Só tu poderias ser tema de acordos ao mais alto nível, Hollis.

– Talvez o Nix e o lobo se tenham conhecido e travado amizade, depois da explosão. Talvez Asmodeus e Grimshaw fossem amigos – disse Eve –, e Asmodeus esteja a tentar ajudar o amigo a executar

a sua vingança. Talvez o Nix alinhasse com Asmodeus para ter uma desculpa válida para me perseguir.

– Há aí demasiados “talvez” – disse Alec, irritado. – Além disso, a amizade é relativa para os demónios. Os favores não são gratuitos. Asmodeus deveria estar a pagar uma dívida ou a cobrar algo.

Eve sentiu que era mau sinal.

– Tanto a dívida como o lucro teriam de ser grandes para que Asmodeus decidisse perseguir alguém importante para Caim – comentou Montevista. – Grimshaw perseguiu Eve para vingar a morte do filho. Asmodeus não tem nenhuma desculpa e sabia que iria irritar Jeová e Samael em simultâneo.

Eve suspirou. A batalha entre o Céu e o Inferno não era uma anarquia. De uma forma geral, os Celestiais e os Infernais viviam lado a lado, num cauteloso armistício. Os seguidores de Satanás tinham ordens para não dar nas vistas, para poderem fazer maiores estragos. Os Marcados eram apenas destacados para abater demónios degenerados. Montevista tinha razão: algo de importante levava Asmodeus a infringir as regras de forma tão extrema.

– A menos que Samael pedisse a Asmodeus que o fizesse – aventou Sydney, calmamente, encolhendo os ombros quando todos a olharam.

Foi Montevista que quebrou o silêncio.

– Ela tem a sua razão.

– Eu ainda não tinha atropelado o cão dele – lembrou Eve.

Cão. Pois sim. Dificilmente associaria a palavra “cão” ao monstro que atropelara na estrada, sendo a criatura do tamanho de um autocarro.

– Isto não pode ser apenas por causa do maldito cão do Inferno de Samael – insistiu Reed. – Ele só pensa em si próprio. Tudo o resto é descartável, incluindo os animais de estimação.

– Então, ele quer alguma coisa? Eu não tenho nada de valor – disse Eve, olhando sucessivamente para os dois irmãos –, a não ser vocês os dois.

Alec e Reed permaneceram física e mentalmente em silêncio, pois sabiam que ela era um risco para eles.

Eve recusava-se a aceitá-lo.

Reed virou-se de novo para o fogão e Alec começou a encaminhar ordens pela central de comunicações mental de que os arcanjos dispunham para comunicar com todos os membros da sua firma. Eve foi para a sala. Eles podiam ainda vê-la e ouvi-la, mas o espaço ajudava-a dar um pouco de descanso à cabeça. Abstraiu-se dos outros e sentou-se no sofá de penas, pensando na confusão que era a sua vida.

Nix e o filho de Grimshaw não eram os únicos Infernais presentes na sala do forno nessa noite desastrosa em Upland. Havia também um bando de Tengu – demónios japoneses semelhantes a gárgulas. Ora, se o Nix e o Lobo tinham ambos sobrevivido para voltarem a ser mortos um dia, seria razoável interrogar-se se os Tengu estariam também a viver segundas vidas.

Alec materializou-se junto dela e sentou-se à beira da mesa de café com tampo de vidro. A ganga grossa dos seus *jeans* não escondia a elegância das suas pernas longas e musculadas.

– Ainda te metes em sarilhos por usares tanto os teus poderes – advertiu ela.

Uma vez por ano, durante sete semanas, os arcanjos podiam dar largas aos seus poderes para facilitar o treino de novos Marcados, um dever que partilhavam entre si, à vez. Mas, se usassem os seus dons durante o resto do ano, teriam de enfrentar as consequências. *Sugerir* que vivessem vidas mundanas era a forma de Deus promover neles a empatia pelos mortais. Eve achava que era a fórmula do ressentimento.

Alec sorriu e disse:

– Ainda não sou líder de nenhuma firma. Essas regras não se aplicam a mim.

– Como sempre, não é?

Ele inclinou-se para a frente, apoiando os antebraços sobre os joelhos.

– Eu verifiquei o sistema de segurança instalado para o Nix da primeira vez, tanto neste edifício como em casa dos teus pais. Destaquei também um corpo de seguranças para vigiar o perímetro e prevenir novas ameaças.

– Eles conseguem livrar-se do maluquinho da esquina?

– Que maluquinho?

– Não me digas que ainda não o viste. O tipo que parece um Pai Natal demoníaco a pregar o fim do mundo com a guitarra acústica. Ele olhou-a fixamente.

– O tipo com um letreiro enorme a dizer “Vão arder no Inferno”? – Vendo que ele continuava pasmado a olhar para ela, Eve sacudiu a cabeça. – Será possível transportares-te assim tanto, que já não consegues observar a vizinhança há um tempo?

Alec desapareceu num abrir e fechar de olhos, mas voltou a aparecer no mesmo sítio uma fração de segundo depois.

– Compreendo – disse. – É inofensivo.

– É irritante e está ali há dias – disse ela, estalando os dedos. – Talvez Deus aceite fazer uma troca entre mim e ele.

Eve não estava inteiramente a brincar. No seu ponto de vista, todo o sistema da Marca estava viciado. Milhões de fanáticos religiosos matavam em nome de Deus por esse mundo fora e não eram marcados. O Todo-Poderoso preferia usar os Ímpios. Era como um campo de treino para pecadores e descrentes. Como quem diz: *Vede com quem passareis o vosso tempo, se não alterardes os vossos hábitos blasfemos.*

– Não é uma troca justa – disse ele, com um sorriso quase impercetível. – Tu vales cem tipos como aquele.

– Isso é a tua opinião.

– É evidente que não sou o único a pensar dessa forma, visto que ele está lá fora e tu, aqui, comigo. Falarei também com Abel para que ele aligeire o teu volume de trabalho durante algum tempo.

Eve arqueou as sobrancelhas.

– Mas isso não irá sobrecarregar os outros Marcados desta zona?

– De alguma forma.

– Não me podes pedir para fazer isso e lidar com as consequências.

– Isto não é um pedido.

Ela ponderou por instantes na afirmação, tamborilando com os dedos no braço do sofá.

– Vejo que te agrada ser arcanjo.

– Não vás por aí – advertiu ele.

– Os Infernais estão a invadir o Orange County aos magotes – possivelmente por minha causa – e tu queres que eu fique de braços cruzados, enquanto os outros Marcados enfrentam a embrulhada? Eles já não simpatizam muito comigo.

– Isso passa-lhes.

– Para ti é fácil dizer isso, pois ninguém te odeia pelo facto de trabalhares comigo.

– Não beneficiarias ninguém se permitisses que te matassem.

– Não sei se é bem assim – disse ela, com um sorriso sombrio.

– Ocorre-me uma série de pessoas que me quer ver morta.

– Isso não tem piada, meu anjo.

Ela suspirou.

– Tu conheces-me. Sou uma grande medricas. Não é minha *intenção* atravessar-me no trânsito, mas também não posso ficar aqui a ver as reposições do *Dexter*, a comer gelado, enquanto os outros enfrentam uma horda.

– Podes protestar à vontade. Não vai acontecer.

– Gadara ter-me-ia mandado para o terreno.

– Gadara não está aqui.

– E o que se tem feito em relação a isso? – contrapôs ela. – Ou serão os arcanjos mais dispensáveis do que eu?

Alec estendeu o braço, tocando-lhe na barriga da perna com os dedos.

– Também estamos a tratar disso.

– Passaram dois meses. Imagino que não esteja propriamente a passar férias no Inferno.

– Não podemos atacar. Seria uma missão suicida.

– Então, o que podemos fazer?

– *Tu* vais cumprir ordens e *eu* vou impor a minha influência.

Eve ignorou a primeira parte da afirmação, concentrando-se na segunda metade.

– Influência? Tipo... dar a entender a Satanás que tens algo mais valioso para ele do que Gadara?

– Sim. Terá de ser Samael a trazer Gadara até nós. Só assim conseguiremos tê-lo de volta.

– Haverá algo mais desejável do que ter um arcanjo como moeda de troca?

Ele sorriu mordazmente.

– A questão é essa, não é?

Depois, baixou-se inesperadamente. Um pequeno objeto branco voou pelo espaço anteriormente ocupado pela sua cabeça. Eve só deu por ele graças à sua visão apurada.

– Cuidado, meu idiota! – gritou ele a Reed.

– Vê onde pões as mãos – retorquiu o outro.

Eve viu o objeto fazer ricochete na porta de rede da varanda e rebolar pelo chão, acabando por parar junto da perna da mesa de café. Posto isso, olhou por cima do ombro:

– Uma castanha de água?

– Era isso ou isto – disse ele, brandindo uma das suas facas Ginsu.

– Obrigada por controlares um pouco a tua testosterona – disse ela, levantando-se, descalça, e levando as mãos à cintura. – Agora, para com isso.

– Não podes esperar que esta situação nos agrade – disse Alec.

– Também não me está a agradar.

Quando estava sozinha e mais contemplativa, Eve reconhecia que a sensação de solidão e separação estava a levá-la a aceitar uma situação que jamais acataria na sua vida normal. Tecnicamente, estava apenas a partilhar momentos íntimos com ambos, mas tais detalhes técnicos de nada serviam perante sentimentos feridos e possessividade. Sentia-se desleal para com Alec – apesar de ele não poder retribuir o afeto que sentia por ele – e estava preocupada com Reed, pelo facto de tudo aquilo estar a afetá-lo tanto.

– Talvez a única solução seja manter a coisa estritamente profissional – disse ela.

Ambos se calaram de maxilares obstinadamente crispados. Montevista e Sydney olharam um para o outro de sobrancelhas arqueadas.

– Isto não está a resultar – insistiu Eve, batendo repetidamente com o pé no soalho de madeira.

Reed foi de novo picar vegetais.

Alec voltou a inclinar-se para a frente.

– Vais ficar sossegada como te estou a mandar?

Eve cruzou os braços:

– O que te parece?

– Certo – disse ele, levantando-se. – Nesse caso, a partir do pequeno-almoço de amanhã, voltarás a ter um mentor a tempo inteiro. Esta história de aparecer apenas quando precisas de mim acabou.

– Vais ser meu *babysitter*?

O seu olhar sombrio percorreu-a da cabeça aos pés.

– Só se puder deitar-te sobre o meu joelho quando fores marota.

Eu ainda tenho a faca na mão, imbecil, disse Reed, irritado.

Eve deixou-se cair no sofá, gemendo para dentro. Aqueles dois irmãos seriam a sua morte.

Se os demónios não a matassem antes.